

Editorial

Vol.17, nº 30. 2020

Hölderlin, Hegel e as dissonâncias da filosofia

Apoiados na passagem da doutrina do ser para a doutrina da essência da *Ciência da Lógica*, Oskar Negt e Alexander Kluge exploram a noção de “linhas nodais das relações de medida” em política. Argumentam que, muitas vezes, o adensamento que marca o encontro e a justaposição de diferentes processos sociais, que carregam medidas distintas, desorienta e exige uma lenta elaboração para uma passagem ao conceito – e à política. Ocorre amiúde que a aceleração repentina da história ou uma imposição de um retorno ao habitual pode “cortar” esses nós de medidas. Impede-se assim uma assimilação subjetiva de um momento histórico: ficamos, nas palavras de Hegel e Hölderlin, “sem resposta”.¹ A unificação da Alemanha, a catástrofe de Chernobyl, a Guerra no Golfo, o conflito na Sérvia, para citar exemplos a que os autores se referiam à época, são acontecimentos em que o adensamento e o emaranhamento de processos sociais, em vez de receber uma solução efetivamente política, são antes repentinamente cortados. O falso desenlace que eles ocasionam nos condena a uma “fase intermediária da evolução social”, na qual estamos sujeitos a retornos de certas constelações que denotam a dimensão fantasmática da realidade.

O ano de 2020, no qual seriam mundialmente celebrados os 250 anos do nascimento de Hölderlin e de Hegel, dois dos maiores pensadores da modernidade, revelou-se o mesmo ano em que irrompeu a pandemia de Covid-19. Desde então o mundo enterra os corpos de mais de 3 milhões de vítimas. É o maior massacre sanitário do século XXI até o momento. E é em meio à incongruência presente no enovelamento entre o jubileu de dois grandes pensadores e a profunda consternação com o modo como o mundo e, em especial, o Brasil tratam a pandemia, que trazemos a público o nº 30 da *Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos* e seu dossiê **Hölderlin, Hegel e as dissonâncias da filosofia**.

A maior parte deste número é composta por textos resultantes das conferências proferidas no *Ciclo de Seminários Hegel-Hölderlin 250 anos*, ocorrido virtualmente entre outubro e dezembro de 2020, e coorganizado pela profa. Kathrin Holtermayr Rosenfield (UFRGS) e os signatários deste editorial (as gravações do ciclo estão no canal da REH:

¹ NEGT, O. & KLUGE, A. **O que há de político na política? Relações de medida em política. 15 propostas sobre a capacidade de discernimento**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999, p. 25.

<https://bityli.com/q8gP4>). Além da própria prof. Kathrin Rosenfield, responsável por todos os convites a pesquisadores internacionais, gostaríamos de agradecer às instituições realizadoras: o Programa de Pós-Graduação da UFRGS (Capes), esta *Revista de Estudos Hegelianos* e o Instituto Federal do Rio de Janeiro, apoiados pelo Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA), pela PUCRS e a Sociedade Hegel Brasileira.

Estamos certos de que o resultado deste ciclo, enriquecido dos textos aprovados em nossa chamada de artigos, fornece ao leitor um valioso material sobre as relações de distância e proximidade entre os pensamentos de Hegel e de Hölderlin.

Como se poderá notar, a balança do número pende para Hölderlin, cujo papel dissonante na formação do assim chamado idealismo alemão, apesar de bastante estudado na Alemanha e, mais recentemente, também no Brasil, ainda carecia de um maior destaque por parte de uma revista acadêmica de filosofia.

Os três artigos inéditos que abrem este número estão sendo publicados tanto em suas versões originais quanto em português. O primeiro deles, *A teoria da tragédia de Hölderlin*, é do Prof. **Christoph Jamme** (Leuphana Universität Lüneburg). Na contribuição deste pesquisador, referência incontornável para estudiosos das relações entre Hegel e Hölderlin, o foco está na teoria do trágico de Hölderlin – teoria reconstituída a partir das elaborações do projeto de *Empédocles* (1799), de ensaios poetológicos e literários (1800-1803) e das observações sobre *Édipo* e *Antígone* (1804), além da primeira das duas conhecidas cartas a Casimir Böhlendorff (dez. de 1801). Ao trazer a tarefa histórica das tragédias para o primeiro plano, Jamme aborda a figura poética da contrariedade como condição de reconhecimento da unidade em seu processo de exteriorização. Em termos histórico-filosóficos, os conflitos só se equilibram no tempo (e no mundo) através da arte trágica, capaz de “trazer à tona a natureza em sua autenticidade” em uma filosofia da história que reconhece a unidade em sua separação de si. É o que se desdobra nas reflexões poetológicas: o processo histórico e o processo trágico são definidos como negação da negação, na qual o conflito representa o ser da unidade em declínio no mundo material (e.g. a “pátria”) que contém a possibilidade de renovação e integração da consciência na história “para o mundo de todos os mundos”, “em todos os tempos” e “no momento” – uma lei dialética também para a poesia, ligada à “reviravolta da história” em que a unidade original do *hen kai pan* recebe uma história ou, antecipando Hegel, uma “totalidade concreta”. Nas observações sobre as tragédias de Sófocles, o entrelaçamento do individual com a história está na ação trágica que arranca o indivíduo para um outro mundo: em *Antígone*, por exemplo, com sua ascensão “blasfema” a algo que não é consciência, o

“histórico ocorre por intermédio do indivíduo trágico”, o que envolve uma revolução cultural no contexto da transição da antiguidade para a modernidade, entendida como o *hespérico*. Com isto se interconectam as formulações de Hölderlin a Böhlendorff: o trágico e o histórico também estão entrelaçados na tarefa mais difícil de cada cultura (antiga e moderna), que é obter o que lhe é próprio; ao passo que sua força está no que lhe é alheio: a dos gregos no esforço pela sobriedade, a dos modernos no esforço para obter paixão. A aquisição do próprio numa forma concreta só é possível mediante o aprendizado – não pela imitação – do estrangeiro “na relação viva e no destino”, *i.e.*, mediante o equilíbrio do *páthos* pela sobriedade e, ao contrário, da sobriedade pelo *páthos*.

Na sequência, temos *Como o humano se põe. O enterro de Fichte no Fragmento hölderliniano de Píndaro ‘Os Asilos’*, do Prof. **Michael Franz** (Universität Tübingen / Hölderlin-Gesellschaft), responsável pela edição crítica dos ensaios de Hölderlin na *Münchener Ausgabe* (1992-93). Em seu artigo, acompanhamos a interpretação de um dos 9 denominados *Fragmentos de Píndaro* – traduções que Hölderlin fez do poeta arcaico acrescidas de comentários próprios ou intervenções críticas. Franz defende que seria possível encontrar sugerido na expressão “como o humano se põe” o “enterro” de Fichte – ou, de modo mitigado, um deixar a filosofia fichteana de lado. Por meio de acurada análise filológica, Franz indica que as alterações textuais de Hölderlin no fragmento pindárico *Os Asilos* dão nota de uma genealogia política (*i.e.*, da pólis) *sui generis*, distante tanto do original de Píndaro quanto, por outro lado, do moderno pensamento político fichteano. No original conservado, Píndaro faz Têmis subir ao Olimpo para a procriação das Horas – Eunomia (boa lei), Dice (justiça) e Irene (paz) – num segundo acasalamento com Zeus guiado pelo cortejo das Moiras, deusas do destino nascidas de uma primeira união de Zeus (o “salvador”) com Têmis (a “amante da ordem”) – uniões que geram “os seres que constituem a pólis.” Não se fala mais do nascimento das Horas na versão de Hölderlin, mas do nascimento dos “lugares de repouso” (*Ruhestätten*), e já não são as Moiras, mas as horas (*die Zeiten*) que conduzem Têmis. Franz interpreta esta “notável correção do mito” com recurso às reflexões que Hölderlin acrescenta à tradução do fragmento, nas quais comparece a expressão (fichteana) “como o humano se põe (*sich setzt*)”. Na genealogia hölderliniana, o humano é um filho de Têmis, recebendo decência e ordem de sua herança materna. Diferentemente da autopoção fichteana pelo ato de liberdade, que põe ao mesmo tempo o direito e constitui um “reino da liberdade” em que o homem pode se esforçar para viver “independentemente da mera força da natureza”, em Hölderlin a “carência originária” (o senso de perfeição e sua inquietação) é suprida com “a entrada de um destino”, o

encontro com Têmis e seus “asilos” – o que se articula, segundo Franz, também com a concepção de *Hipérion*: aquilo pelo qual ansiamos já está presente como beleza – portanto, “não precisa ser realizado por nós, está aí e nos espera” – na contramão, novamente, do esforço infinito fichteano. Nessa esteira, uma vez que boa lei, justiça e paz já existem (são o resultado da “velha criação” por Zeus e Têmis), a ocupação dos lugares de repouso do humano pode ocorrer de maneira decente e ordenada, garantindo a construção de uma “cidade livre” (*i.e.*, uma política) ou um asilo para a humanidade liberada do curso inexorável da natureza. É uma ideia moderna que não pode aparecer em Píndaro, mas também não é tão moderna quanto a de Fichte, que não carece de um dote divino para o reino de liberdade. No entanto, segundo Franz, o reino da liberdade fichteano não é dado como morto e enterrado (*beigesetzt*) no texto de Hölderlin, mas antes posto de lado (*beiseite gesetzt*): qualquer sistema da liberdade não poderia começar com uma autoposição, mas “vive de pressupostos que ele não pode justificar por si mesmo.”

Em *Deserotização no projeto de ‘Empédocles’*, Profa. **Priscilla Hayden-Roy** (University of Nebraska-Lincoln) analisa as mudanças nas relações do protagonista Empédocles com as figuras femininas nas diferentes versões inacabadas do drama de seu suicídio no Etna: a mulher que lhe é próxima no *Plano de Frankfurt* (1797) é sua “esposa”; no *Primeiro Esboço* (1798), Empédocles aparece solteiro, adorado pela jovem Panteia, que não é familiar; no *Segundo Esboço* (1799), a mesma Panteia recua diante de um Empédocles que, “pleno de vida, só pertence a si mesmo” – e cujo caráter heroico, portanto, seria violado por um eventual desejo erótico; já no *Terceiro Esboço* (1799), Panteia é sua irmã biológica, e isto dissolve os interesses eróticos das versões anteriores – mesmo a fantasia da morte comum com o pupilo Pausânias (“de braço dado / ... um par festivo” a subir da “chama fúnebre”) é abruptamente recusada por Empédocles ao sugerir a cada um “a senda que Deus lhe destinou”, banindo de vez o erotismo. Nessas modificações que limitam envolvimento conjugais ou eróticos, Hayden-Roy identifica uma progressiva deserotização do herói, procurando desconectar a questão, no entanto, do esforço que Hölderlin faz para racionalizar o drama e, assim, dispensar da trama elementos eróticos como distrações indesejadas da morte necessária do protagonista. Para além da estrutura interna da tragédia de *Empédocles*, a análise comparada das versões evidencia um deslocamento do erotismo para outros objetos, seja a esposa, Panteia, Pausânias ou ainda o processo criativo da poesia e o próprio suicídio (*la petite/grande mort* de Empédocles), ao mesmo tempo que o parentesco interdita o erotismo.

No quarto artigo do dossiê, *Hölderlin pensando no ritmo, Hegel pensando o ritmo da tragédia: duas abordagens complementares da tragédia*, Profa. **Kathrin Holzermayr Rosenfield** (UFRGS) lança luz sobre os pontos de contato entre as concepções de tragédia e do trágico de Hölderlin e de Hegel, articulando, por um lado, as noções poetológicas hölderlinianas que guiam a composição e a compreensão da poesia trágica (“pensando *no* ritmo”) e, por outro, os conceitos hegelianos que sistematizam o movimento da reflexão no interior do poema trágico (“pensando *o* ritmo”). Na contramão de leituras anti-hegelianas surgidas na recepção novecentista de Hölderlin, Rosenfield argumenta que as traduções hölderlinianas de Sófocles oferecem antes uma visão ampla do conflito trágico que “pode ter fornecido a *Anschauung* viva do conceito que Hegel elabora na *Fenomenologia* e na *Estética*”. Assim, segue a autora, a leitura hegeliana da tragédia consegue captar seu enraizamento nas tensões entre família e Estado, precisamente no conflito entre Creonte (lei pública do Estado) e Antígone (moralidade dos costumes ancestrais), num “encaixe de duas lógicas diversas” que desafiam a estabilidade política – sem, no entanto, valorizar unilateralmente um dos polos em litígio. A legitimidade dos contendores está em sua força substancial, e sua “colisão trágica” estaria no que Hegel denomina “páthos unilateral” dos protagonistas, que entram em cena enquanto totalidades, que “possuem em si mesmos a potência contra a qual lutam” e cujo destino trágico implica a perda de parte do que possuem. A recondução conceitual hegeliana do “páthos unilateral” de ambos os protagonistas à totalidade de suas potências é bem elucidada – segundo passo do argumento de Rosenfield – pelo arranjo rítmico da tradução hölderliniana de *Antígone*, que possibilita uma “associação paradoxal” de unilateralidade e totalidade. Pelo mergulho nos traços contraditórios dos personagens, Hölderlin lograria reagrupá-los num todo harmonioso e devolver a Sófocles seu enigma e ambiguidade, ao mesmo tempo que sustenta a tensão dos conflitos trágicos em sua indecidibilidade. Com isso – terceiro passo – é possível apreender as afinidades entre Hegel e Hölderlin na concepção rítmica da linguagem, partindo-se da “mutação do sentido através do dinamismo rítmico da linguagem”, das *Observações* hölderlinianas, para seus desdobramentos na *Fenomenologia do Espírito*. Numa argumentação cerrada, Rosenfield estabelece os nexos entre o arranjo rítmico hölderliniano e o movimento do conceito hegeliano com vistas à totalidade condensada das ações trágicas num “tempo torrencial” – nexos nos quais noções como “lógica poética” e “transporte trágico” traduzem a passagem do “mero raciocinar” para a reflexão e para o pensamento conceitual da *Fenomenologia*, na qual “a soltura do ritmo” transforma o “infrutífero deslizar da mente pelas múltiplas representações determinadas, inspirando os conteúdos e elevando-os a um outro nível de inteligibilidade”.

No provocativo *Algo sobre Hölderlin sobre o Estado*, Prof. **Joãosinho Beckenkamp** (UFMG) busca salvar a leitura política do *Hipérion* de Hölderlin de um possível sequestro por Friedrich Hayek. Questionando o significado de uma epígrafe hölderliniana no texto canônico do neoliberalismo, *The Road to Serfdom*, Beckenkamp procura situar em contexto a afirmação citada de *Hipérion*, numa passagem em que o herói manifesta sua concepção política. Ao interpretar o que Hölderlin pensa sobre o Estado, Beckenkamp denuncia a operação por meio da qual a crítica à abstração dos projetos de implementação do republicanismo em solo moderno – sem uma esfera de liberdade política – passou a ser interpretada como um ataque aos potenciais utópicos do Estado. Basta explorar as ambiguidades em relação a certos termos como liberdade e sociedade civil para confundir o que é próprio da esfera econômica e o que é próprio à esfera política e, assim, minar a perspectiva apontada por Hölderlin. A bem dizer, ao reduzir a liberdade política à liberdade econômica e voltar a misturar burguês e cidadão em meio ao conceito de sociedade civil, monta-se facilmente a rede ideológica para que toda a defesa do público contra o privado apareça como um atentado ao direito de liberdade do indivíduo.

Elaborado já a partir de sua mais que bem-vinda tradução de textos e fragmentos de Hölderlin, recém-publicada pela EDUSP sob o título *Fragmentos de estética e poética*, Prof. **Ulisses Vaccari** (UFSC) procura conferir em seu *Hölderlin e a poética do paradoxo* uma significativa interpretação abrangente do princípio da poetologia hölderliniana, explorando de maneira bastante frutífera a noção de paradoxo. Sem recair em imagens de um Hölderlin que aspiraria a um retorno à unidade grega simplesmente por negação da modernidade, Vaccari parte do paradoxo expresso na afirmação hölderliniana de que “o Ser só se sente propriamente vivo ao se estilhaçar e se perder” para compreender a síntese entre unidade e cisão, deuses e seres humanos, Grécia e Modernidade, que atravessaria os esforços do poeta alemão para pensar uma “mitologia da razão” e reelaborar, para a poesia moderna, uma *mêchanê* tal como a existente na poesia da antiga tragédia grega. Assim, o autor expõe o princípio de uma lógica poética presente nas *Observações* hölderlinianas sobre *Édipo* e *Antígone* que, embora distante dos princípios de uma lógica formal, aproxima-se da – mas não se reduz à – lógica dialética hegeliana. Segundo Vaccari, a lógica poética é antes uma prática poética com a qual Hölderlin apreende a existência por meio do paradoxo – uma prática, aliás, que se estende também aos chamados hinos tardios de Hölderlin, como *Patmos* e *Pão e Vinho*.

Em *Hölderlin, Heidegger e a dimensão evocativa da palavra*, **Leandro Santos Assis**, doutor pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, aborda interpretações heideggerianas da poesia de Hölderlin. Como pontua Assis, após a “viragem” (*Kehre*) de seu pensamento,

Heidegger se deteve na interpretação de determinados pensadores por ele denominados originários, tais como Heráclito e Parmênides, e de alguns poetas, como Hölderlin, Rilke, Trakl e Georg. No estudo, o autor procura examinar a apropriação de Hölderlin especificamente quanto ao assim chamado problema heideggeriano da “quadratura” (*Geviert*) e quanto à instância da linguagem como “morada do homem” – o que, acrescenta em seu artigo, “possibilitou um salto qualitativo” nas “análises” de Heidegger. Completa o quadro de sua exposição a hipótese de que o deslocamento da filosofia heideggeriana de uma “analítica existencial” para o “problema da linguagem” pode ser bem elucidado através de uma apropriação de Hölderlin que, diferentemente de outros, é considerado por Heidegger o “poeta dos poetas”.

Theo Machado Fellows, pesquisador da Universidade Federal do Amazonas, busca reconstituir, em seu *Iena-Frankfurt-Iena: Hegel, Hölderlin e o nascimento do Idealismo Alemão*, os cruzamentos e as separações das trajetórias de Hegel e de Hölderlin entre 1795 e 1806, com a preocupação de analisar como esses encontros e desencontros impactam os rumos da obra de cada um desses autores. Mostra, primeiramente, o que é construído como um contraste entre as preocupações de Hegel no seu desenvolvimento até Berna e os estudos de Hölderlin sobre a filosofia de Fichte em Iena. Na sequência, detém-se na centralidade do curto interlúdio de convivência dos dois amigos em Frankfurt; e termina por indicar as primeiras formulações de sistema de Hegel em Iena e as diferentes versões do *Empédocles* de Hölderlin. A partir da premissa não de todo pacífica de que Hegel estaria voltado a uma conciliação entre cristianismo e filosofia prática de Kant até Berna, Fellows procura mostrar que, quando Hegel chega a Frankfurt e passa a conviver com Hölderlin, o poeta teria provocado uma “transformação” do jovem pensamento hegeliano, que passa a transitar do eixo do kantismo para o eixo de uma filosofia da unificação. Sob a lente de Fellows, o próprio desenvolvimento do pensamento de Hegel a partir desse marco teria levado Hölderlin a também modificar sua concepção, o que o autor vê confirmado mediante análise das diferentes versões da tragédia de *Empédocles*.

Encerrando a seção de artigos, *Il ‘mito’ dell’originario (definitivamente perduto?). Un frammento giovanile di Hölderlin e uno di Hegel a confronto*, de **Vittorio Ricci** (Università di Roma Tor Vergata), traça um fértil paralelo entre o fragmento hölderliniano *Juízo e Ser* (1795) e o manuscrito hegeliano *Reines Selbstbewußseyn / Reines Leben* (1799). De maneira bastante paciente, Ricci analisa primeiramente cada uma das duas partes de *Juízo e Ser* para reconstituir a “reação crítica ao idealismo fichteano”. A partir de um horizonte comum

partilhado com Hölderlin quanto à aporética função unificadora da “intuição intelectual”, Ricci analisa o supracitado manuscrito de Hegel para mostrar que nele se trata de duas respostas distintas: em busca de uma superação do princípio transcendental, acaba-se por interrogar o início ou o “originário” em filosofia.

Fechamos o número com uma alentada resenha de **Federico Orsini** (Universidade Federal de Lavras) da biografia de Hegel, escrita por Klaus Vieweg e publicada ainda em 2019. Mais do que uma simplesmente expor e debater a biografia, Orsini oferece um minucioso guia de leitura para a obra que certamente se imporá como uma referência sobre a vida de Hegel, e que vem sendo saudada como a mais completa biografia desde Rosenkranz.

Com exceção dos textos de Christoph Jamme, Michael Franz e Priscilla Hayden-Roy, convidados especiais do presente dossiê, toda a seleção de artigos desta edição foi realizada conforme o trabalho de avaliação de pareceristas às cegas. A coordenação do trabalho contou com o apoio da Comissão Editorial da REH e também de seu Conselho Científico. Gostaríamos de agradecer a todas as professoras e todos os professores, pesquisadoras e pesquisadores que contribuíram com pareceres para a avaliação dos artigos submetidos a este número. O trabalho de editoração do número coube aos subscreventes deste *Editorial*.

Desejamos uma boa leitura!

Wagner A. Quevedo (IFRJ)

Ricardo Crissiuma (UFRGS)